

## LEITURA LITERÁRIA: O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO ESTÉTICA DO LEITOR NA RELAÇÃO TEXTO-VIDA

Daliane do Nascimento dos Santos<sup>1</sup>

*“Quem é você?” perguntou a Lagarta.  
Não era um começo de conversa muito animador.  
Alice respondeu, meio encabulabada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.”  
“Que quer dizer com isso?” esbravejou a Lagarta.  
“Explique-se!”  
“Receio não poder me explicar”, respondeu Alice,  
“porque não sou eu mesma, entende?”  
“Não entendo”, disse a Lagarta.  
“Receio não poder ser mais clara”, Alice respondeu com muita polidez, “pois eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador.”  
“Não é”, disse a Lagarta.  
“Bem, talvez ainda não tenha descoberto isso”, disse Alice; “mas quando tiver de virar uma crisálida... vai acontecer um dia, sabe... e mais tarde borboleta, diria que vai achar isso um pouco esquisito, não vai?”  
“Nem um pouquinho”, disse a Lagarta.  
(Lewis Carroll)*

No diálogo com a Lagarta, Alice faz referência a possibilidade de o leitor se identificar com o personagem de ficção ao ponto de desejar ser “o outro”, de ter uma experiência de devir, do vir a ser, de assumir uma nova identidade na ficção.

Ao experimentar pela primeira vez “o outro”, Alice se mostra tão confusa que duvida de sua própria identidade, de quem realmente é, pois a única certeza que tem, é a de quem era antes de entrar no País das Maravilhas. A Lagarta, pelo contrário, tendo mais experiência nesse mundo difuso, ficcional e irreal, vê as mudanças de Alice como um aspecto natural e inerente ao processo de leitura e fruição estética do leitor.

Entendemos que, assim como Alice, que vive uma experiência de metamorfose na história através das mudanças de tamanho sofridas de forma repentina, o leitor também experimenta a sensação de mudança, do vir a ser, durante a leitura, pois o texto literário oferece ao leitor a oportunidade de fazer uso de identidades expressas pelos diferentes personagens, de forma projetiva e introjetiva. Nesse processo, o leitor experimenta “novas” identidades através de sua projeção estética nas situações vividas pelos personagens, o que permite vivenciar sensações e experiências de forma simbólica.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [dalianenascimento@yahoo.com.br](mailto:dalianenascimento@yahoo.com.br).

É precisamente através da experiência estética da *katharsis* que o leitor se liberta “dos interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, a fim de levá-lo, através do prazer de si no prazer do outro” (JAUSS, 1979, p. 102) a viver o processo de identificação em sua plenitude. É nesse momento, que a identidade do leitor vive o processo de metamorfose, no qual ele já não é mais o mesmo.

O processo de metamorfose ocorre, portanto, quando o leitor se identifica com o personagem, assumindo temporariamente a identidade deste, em um exercício de experiência vicária, isto é, pelo ato de simular viver a vida do outro na ficção. Há duas formas distintas de identificação estética: “espelhamento”, quando o foco de atenção está nas semelhanças; e por “alteridade”, quando a identificação ocorre em função do que é distinto (AMARILHA, 2013). A esse respeito Amarilha (2013) acrescenta que:

No espelhamento, a identificação é de caráter espetacular, isto é, *gosto do que é igual a mim* (personagem pobre). Na alteridade, ocorre a experiência de usar a máscara, de ser outro, isto é, *gosto do que é diferente de mim* (personagem de camada social mais rica) (AMARILHA, 2013, p. 66).

Isso quer dizer que a identificação estética do leitor com o personagem (o outro) não é feita de forma aleatória, ela é baseada em critérios significativos para o leitor, que podem ser semelhantes a ele ou diferentes. Assim, nessa experiência de ser “o outro”, o leitor “tem alterada a sua percepção da realidade, o que lhe proporciona condições de liberdade para exercer o juízo sobre os valores expressos no texto ou relacionados ao seu mundo” (AMARILHA, 2013, p. 84), mostrando-nos a presença de um leitor que não é passivo, mas sim ativo, pois a experiência de vida na ficção se assemelha a do real no seu mundo de referência, e que permite o mesmo sentimento de vivência e aprendizado. Sobre esse aspecto Jouve (2002) assegura que:

[...] a leitura, em outras palavras, permite “experimentar” situações. O leitor supostamente diz a si próprio que, confrontado com os problemas afetivos de Raskolnikov ou com as preocupações materiais de Moll Flanders, deveria escolher certos caminhos e evitar outros. O sujeito adquire, assim, os benefícios de uma experiência que não teve que sentir concretamente. Basta-lhe substituir os elementos do mundo romanesco pelos equivalentes no seu mundo de referência (JOUVE, 2002, p. 138).

Essa substituição de elementos do mundo romanesco pelos equivalentes do mundo real permite ao leitor a antecipação de experiências não vivenciadas concretamente. Esse processo de antecipação envolve ideias, emoções, sentimentos que passam a se constituírem reais, conforme assevera Vigotski (2014, p. 28-29):

As paixões e os destinos dos heróis inventados, sua alegria e desgraça perturbam-nos, inquietam-nos e contagiam-nos, apesar de estarmos diante de acontecimentos inverídicos, de invenções da fantasia. Isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente.

São as emoções sentidas pelos leitores que tornam a experiência de leitura em uma experiência de vida, uma vez que a emoção sentida pelo leitor e as aprendizagens obtidas através das situações vividas na ficção são reais e significativas, pois, ao ler, o leitor põe em

jogo a sua “carga emocional de vida e experiência, consciente ou não dela, e atribui ao lido as marcas pessoais de memória, intelectual e emocional” (YUNES, 2003, p. 10).

Esse processo nos indica que ler, na perspectiva da relação texto-vida, significa viver na ficção o que não se vive no mundo de nossa experiência. É estabelecer um relacionamento do vivido com o ficcional e vice-versa. Nesse processo a identificação do leitor não depende do seu “arbítrio pessoal”, mas do que a obra sugere e mobiliza no leitor. Deste modo, a identificação do leitor pode se manifestar através de atitudes de espanto, admiração, choque, compaixão, simpatia, choro, riso, distanciamento e reflexão (ZILBERMAN, 2009).

Considerando que o texto literário oferece um repertório de identidades possíveis e que o leitor pode experimentá-las através do processo de identificação estética com os personagens, objetivamos neste trabalho de dissertação em andamento refletir sobre a repercussão dos sentimentos expressados pelos aprendizes a partir do processo de identificação estética em aulas de leitura de literatura.

Os aprendizes são 36 alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Natal/RN. A abordagem metodológica é de natureza qualitativa e assumi protocolos da pesquisa exploratória e de intervenção. Para a constituição dos dados foram realizadas oito sessões de mediação a partir de duas obras de Lygia Bojunga: *A Bolsa Amarela* (2005) e *Tchau* (2008). As sessões de leitura foram planejadas e implementadas conforme a experiência de leitura por andaime (GRAVES; GRAVES, 1995), que apresenta a sequência de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Dentre as atividades da pré e pós-leitura realizamos atividades de discussão de histórias e registro em blog de leitura. Para análise dos dados nos respaldamos nos estudos teóricos de Jauss (1979), Zilberman (2009), Rosenfeld (1976), Yunes (2003), Vigotski (2014), Jouve (2002) e Amarilha (2013). Neste trabalho recorreremos as sessões de pós-leitura em que os aprendizes realizaram postagens no blog de leitura sobre o conto *Tchau* de Lygia Bojunga (2008) mediante perguntas que provocam a inter-relação texto-vida.

### Relação texto-vida: prazer de sentir emoções

Neste tópico apresentamos algumas postagens dos aprendizes no *blog*, “Nos Bosques da Ficção”, sobre a oitava sessão de leitura em que foi lido o conto *Tchau* de Lygia Bojunga (2008). A atividade no *blog* tinha como proposta mobilizar os aprendizes a estabelecerem relação texto-vida a partir de uma pergunta provocadora:

Categoria	Postagens no <i>Blog</i>
- Apresentação de sentimentos	<p>(Pergunta-<i>blog</i>) Imagine que você vive, na sua família, a mesma situação que a Rebeca viveu em que a mãe dela vai embora. Como se sentiria? O que faria? Por quê?</p> <p>(5) Helena eu mim sentiria muito triste eu tentaria convenser ela e ate chorar por que eu gosto muito dela e se não funcionasse eu ia morrer por que eu não consigo ver meu mundo sem ela e tudo</p> <p>(26) Karen com raiva,eu chorar muito ate seca a agua do meu corpo. pq eu ficaria muito triste pq ela ia embora e ia me deixa la sozinha</p> <p>(33) Pedro horriavel seria a pior coisa da minha vida eu ficaria muito triste e abatido eu morreria no outro dia porque eu sou tão acostumado que eu não saberia o que fazer</p> <p style="text-align: right;">(<i>Blog</i> “Nos Bosques da Ficção”- Conto: <i>Tchau</i>, 26/11/14)</p>

Nessas postagens, observamos que os aprendizes expressam projeção estética em relação à personagem, experimentando, no plano ficcional, os sentimentos e conflitos vividos por ela. Essa experiência estética resultou na expressão de sentimentos, como tristeza e raiva diante da possibilidade de viverem a mesma situação que a personagem Rebeca. Esse envolvimento emocional do leitor com a obra, mobilizado durante a leitura, se deve às personagens que:

[...] atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê desse fato liga-se, na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional. Assim o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar (ROSENFELD, 1976, p. 46).

Ao observar as falas dos aprendizes, percebemos que eles sentem a possibilidade de abandono representada pela personagem Rebeca e se envolvem emocionalmente. Esse envolvimento faz com que as emoções dos aprendizes articulem imaginação e realidade. A articulação entre a realidade (vida do leitor) e a imaginação (situação imaginada do personagem), por meio da experiência vicária permitiu aos aprendizes pensarem sobre como se sentiriam e o que fariam ao viver a mesma situação de abandono da personagem.

As atitudes por eles expressas (chorar, morrer e tentar convencer a mãe de não deixá-los) demonstram o prazer estético vivenciado. De acordo com Rosenfeld (1976, p. 47) “o sofrimento e a risada, o ódio e a simpatia, a repugnância e a ternura, a aprovação e a desaprovação com que o apreciador reage a contemplar e participar dos eventos” demonstram o prazer estético vivido pelo leitor. Essa compreensão nos permite dizer que o prazer não se limita a experiências positivas de amor, esperança e alegria, mas também de desprazer, de alteridade.

Percebemos através dos sentimentos expressos pelos aprendizes que a “emoção gerada (em conformidade ou não com a intenção do autor) tem, porém, seu valor próprio: ela nos esclarece sobre a relação afetiva particular que nós (leitores) mantemos com uma ideia, um pensamento” (JOUVE, 2002, p. 102). Isso é percebido nas falas deles que evidenciam sentimentos de tristeza e raiva no relacionamento com suas mães. Destacam, ainda, como a figura materna é importante em suas vidas.

### **(In)conclusões**

Sobre a repercussão da relação texto-vida no processo de identificação estética observamos que, através da identificação com o personagem, os aprendizes se projetam na narrativa em um exercício que apresenta atitudes de espelhamento e alteridade, experimentando diversas sensações e sentimentos que os levam a se envolver emocional e cognitivamente com as problemáticas vividas pelos personagens. O envolvimento emocional instaurado pela narrativa através do processo de identificação estética, fez com que as emoções dos aprendizes sentidas durante a leitura conectassem imaginação e realidade, levando-os a justificar sentimentos e a julgar a atitude dos personagens. Podemos dizer que os sentimentos expressos pelos aprendizes a partir do processo de identificação estética mobilizo-os a avaliarem o escrito e a se posicionarem diante dele apresentando assim pontos de vista.

### **Referências**

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: leitura crítica na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008. p. 19-39.

\_\_\_\_\_. **A Bolsa Amarela**. 33. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

CAROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**: através do Espelho o que aconteceu por lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GRAVES, Michel F.; Graves, Bonnie. The scaffolded reading experience: a flexible framework for text. **Reading**. v. 29, n. 1, p. 29-34. Apr. 1995.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Org). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 67-84.

JOUVE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CÂNDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 09-49.

VIGOTSKI, L. S., **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução João Pedro Fróis. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2014.

YUNES, Eliana. **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.